

## A REFERÊNCIA A OUTRAS PESSOAS POR MEIO DE NOMES GERAIS EM DADOS DE LÍNGUA ORAL

Eduardo Tadeu Roque Amaral\*

**Resumo:** Um dos recursos de que a língua dispõe para uma referência específica a um indivíduo é o uso de um sintagma nominal que contém, como núcleo, um nome geral (Halliday e Hasan, 1995 [1976]; Mahlberg, 2005). Neste trabalho, analisamos as propriedades semânticas dos nomes gerais em dados do português falado em Minas Gerais. Os resultados mostram que os itens empregados pelos informantes são: *cara; criança; criatura; homem; menina; menino; moça; mocinha; moço; mulher; pessoa; rapaz; senhor; senhora; velha; velho*. A análise revela também que os falantes tendem a optar pelos itens que marcam o gênero do indivíduo referido.

**Palavras-chave:** Referência. Nomes gerais. Nomes próprios.

**Abstract:** One resource that the language has to refer specifically to an individual is the use of a noun phrase that has, as a head, a general noun (Halliday & Hasan, 1995 [1976]; Mahlberg, 2005). In the present paper, we will analyse the semantic traces of the general nouns from the Portuguese spoken in Minas Gerais. The results show that the items used by the informants are: *cara; criança; criatura; homem; menina; menino; moça; mocinha; moço; mulher; pessoa; rapaz; senhor; senhora; velha; velho*. The analysis also reveals that the speakers tend to choose between the items that mark the gender of the referred individual.

**Keywords:** Reference. General nouns. Proper names.

### Introdução<sup>1</sup>

Considerem-se os dados abaixo, extraídos de transcrições de língua oral feitas em diferentes municípios de Minas Gerais<sup>2</sup>:

(1) onde é casa de **Jacinto** num tinha casa ali pra cima (MNV)

---

\* Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: eduamaralbh@gmail.com.

<sup>1</sup> Apoio: FAPEMIG- Processo SHA-APQ-00012-11.

<sup>2</sup> Os dados são de Belo Horizonte (BHZ), Campanha (CMP), Minas Novas (MNV), Ouro Preto (OPR) e Paracatu (PRC), conforme será explicado mais adiante.

(2) tinha **ũa pessoa**... em pé nessa cama deitada nessa cama aqui... imbrulha[da] com um lençol branquim... mas um branco que duía nas vista da gente... rino... ma[s] rino tanto que **a pessoa** tinha os dente tão clarinho... mas tava rino tanto... (PRC)

(3) quand[o] eas chegô lá no quarto **o minino** já tinha nascido... (MNV)

(4) você não pode comungar porque você tomou água, ela esqueceu de falar com **a menina** (OPR)

Em (1), o sintagma nominal destacado contém um antropônimo e refere-se a um indivíduo chamado Jacinto. Em (2), (3) e (4), a referência também é feita a um indivíduo, porém o núcleo de cada sintagma está constituído por um nome comum. Com exceção de (1), os demais apresentam ocorrências de itens chamados de *nomes gerais* (ou *genéricos*), os quais possuem o traço semântico [+humano]. Em (3), ainda verifica-se o traço [+masculino] e em (4), [+feminino].

Neste trabalho, apresentamos uma análise de nomes gerais como esses em dados do português falado em Minas. Observando a frequência e os aspectos semânticos de tais itens, pretende-se responder a questões como: quando não utilizam um nome próprio ou um pronome, quais são os nomes gerais que os falantes mineiros entrevistados empregam para a referência específica a pessoas? Que traços de sentido esses itens apresentam? Há nomes que são mais recorrentes que outros?

### **Os estudos filosóficos sobre termos singulares e nomes próprios**

Os estudiosos da filosofia da linguagem geralmente distinguem os *termos singulares* dos *termos gerais*. Essa diferença está presente na obra filosófica de Stuart Mill, já no século XIX (MILL, 1984 [1843]). Esse filósofo afirma que um item como *homem*, sendo um termo geral, pode ser afirmado verdadeiramente para João, Jorge, Maria e outras pessoas. Por outro lado, um item como *João*, sendo um termo singular, é suscetível de ser afirmado verdadeiramente para uma só coisa. Entre os termos singulares, com os quais é possível fazer referência a um único objeto ou indivíduo particular, os autores incluem os nomes próprios, certos pronomes pessoais e as descrições definidas singulares. Mill considera o nome próprio de pessoa como um elemento que possui a propriedade de denotar um único indivíduo. Para

ele, os nomes próprios “não são conotativos; denotam os indivíduos a quem dão o nome, mas não afirmam nem implicam qualquer atributo como pertencente a esses indivíduos” (MILL, 1984, p. 99).

A referência de um nome próprio é, no entanto, diferente da de um pronome pessoal como *eu* e *você*. Conforme expõe Fernández Moreno (2006), a referência de tais pronomes depende de um *contexto de emissão* – o referente de *eu*, por exemplo, depende de quem o emite. Por outro lado, um nome próprio só pode se referir ao indivíduo ao qual se atribuiu tal nome. Por isso, o autor afirma que os nomes próprios *individualizam* os objetos aos quais se referem (FERNÁNDEZ MORENO, 2006, p. 15). Na verdade, o que Fernández está destacando é o caráter eminentemente dêitico de tais pronomes, característica que os diferencia dos nomes próprios.

Mill (1984) não chega a construir uma teoria específica sobre os nomes próprios. Mas suas ideias serão retomadas várias décadas depois, já no século XX, dentro da chamada teoria referencial direta ou teoria causal. Saul Kripke, que é visto como um dos criadores da *semântica formal dos mundos possíveis* (cf. Pérez Otero, 2006, p. 15), pode ser considerado o principal representante dessa teoria. De acordo com Kripke (1982), os nomes próprios são designadores rígidos: designam o mesmo indivíduo em todo mundo possível no qual esse indivíduo existe<sup>3</sup>. Retomando suas palavras sobre designador rígido:

Quando eu qualifico um designador como rígido, como designando a mesma coisa em todos os mundos possíveis, eu quero dizer que, tal como é usado em *nossa* linguagem, ele designa essa coisa quando falamos de uma situação contrafactual (Kripke, 1982, p. 65) (tradução nossa).

Essa seria a tese fundamental de Kripke sobre a referência dos nomes próprios. As descrições definidas, por outro lado, seriam designadores não rígidos: mudam de referência de um mundo possível a outro mundo possível. Por não estar associado a nenhuma descrição, o

---

<sup>3</sup> Sobre uma segunda definição de *designador rígido* na obra de Kripke, veja-se a discussão em Fernández Moreno (2006, p. 94), que apresenta também a definição que Kripke remeteu a Kaplan em carta: “un designador *d* de un objeto *x* es *rígido* si designa *x* con respecto a todo mundo posible en el que *x* existe y *no* designa ningún objeto distinto de *x* con respecto a ningún mundo posible” (Kaplan, 1989, p. 569 *apud* Fernández Moreno, 2006, p. 95).

nome próprio refere independentemente dos atributos do referente. Nesse sentido, a tese de Kripke é relacionada à de Mill<sup>4</sup>.

Com base no exposto, o nome próprio seria um designador rígido. Por outro lado, um *termo geral* (na concepção filosófica) não é utilizado para designar um único objeto ou indivíduo. Entretanto, tanto uma descrição definida singular, espécie de *termo singular*, quanto um *termo geral*, podem estar formados por um nome (ou substantivo) que, nos estudos linguísticos, tem sido chamado de nome (ou substantivo) geral (ou genérico). Entre esses nomes, incluem-se itens como ‘cara’, ‘coisa’, ‘indivíduo’, ‘negócio’, ‘pessoa’, ‘trem’, ‘troço’, etc. Na seção seguinte, serão retomados alguns aspectos linguísticos de tais nomes<sup>5</sup>.

### Os estudos linguísticos sobre os nomes gerais

Um dos primeiros estudos a tratar do comportamento linguístico dos nomes gerais é o de Halliday e Hasan (1995 [1976]), autores que destacam a função coesiva que possuem, além de sustentarem que são membros superordenados de grandes conjuntos lexicais. O trabalho deles tem sido retomado por outros linguistas, tais como Mahlberg (2005), Mihatsch (2002; 2006a; 2006b), Oliveira (2006) e Pelo (1986), que, a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas, estudam o comportamento de itens com propriedades semelhantes aos que foram objeto de estudo de Halliday e Hasan (1995). Estes autores apresentam como nomes gerais os seguintes itens: *people, person, man, woman, child, boy, girl* [human]; *creature* [non-human animate]; *thing, object* [inanimate concrete count]; *stuff* [inanimate concrete mass]; *business, affair, matter* [inanimate abstract]; *move* [action]; *place* [place]; *question, idea* [fact] (Halliday e Hansan, 1995 [1976], p. 274).

Embora o tema tenha sido retomado algumas vezes, a lista de nomes gerais varia bastante entre os diferentes estudos. Pelo (1986), por exemplo, analisa o comportamento dos seguintes itens na imprensa italiana: *fatto, cosa, problema, situazione, fenomeno, argomento,*

---

<sup>4</sup> Não é objetivo deste trabalho retomar a análise da referência dos nomes próprios sob o ponto de vista da filosofia. Para uma exposição mais detalhada sobre as teorias filosóficas, consulte-se García Suárez (1997).

<sup>5</sup> Também não constitui objetivo deste texto aprofundar-se em uma abordagem linguística dos nomes próprios. Para esse fim, vejam-se: Amaral (2008), Fernández Leborans (1999), Gary-Prieur (1994), Jonasson (1994), Leroy (2004) e Van Langendonck (2007).

*idea, motivo, questione, gente, affare, bene, faccenda, circostanza, vicenda, dato, opera, caso.*

Mahlberg (2005) analisa os nomes gerais tendo como base teórica uma abordagem da linguística de corpus. Considerando especialmente a frequência, a autora estuda o comportamento textual dos seguintes itens no *Bank of English Corpus: time, year, people, years, world, way, day, life, man, part, end, women, place, things, men, business, family, thing, times, woman*. Ao final do seu trabalho, Mahlberg (2005, p. 182) esclarece que, pelo fato de o número de dados de língua oral ser baixo no *corpus* utilizado, não foi possível discutir questões relacionadas à língua falada. Neste artigo, que analisa dados de língua oral do português, pretende-se contribuir para o conhecimento do comportamento desses itens.

Oliveira (2006), ao estudar o que ela chama de substantivos-suporte (substantivos acompanhados de adjetivos, em que aqueles estão em situação análoga à dos verbos-suporte) retoma os estudos de Halliday e Hasan, apesar de apresentar uma lista bem diferente da dos autores. A autora investiga o comportamento de itens como: *âmbito, área, aspecto, base, campo, caráter, coisa, componente, etc*<sup>6</sup>.

Como se vê, não há uniformidade nos conjuntos dos itens chamados de nomes gerais (ou genéricos). Mas, do ponto de vista semântico-lexical, são itens vagos, que podem ser usados em sintagmas com referência a entidades bem diferenciadas. Entre esses itens, encontram-se aqueles que o falante usa para referir-se a outros indivíduos, sejam nomes que contêm apenas o traço [+humano] (como *pessoa*), sejam os que contêm algum traço relacionado à marcação de gênero (*mulher* ou *homem*) ou idade (*rapaz, velho, etc.*).

Os estudos anteriores (com exceção de Oliveira (2006)), incluem nomes com traço [+humano] entre os nomes gerais. Neste trabalho, serão observadas as características desse subgrupo de nomes. Entretanto, será analisado o seu comportamento quando aparecem em sintagmas que mantêm uma referência específica a um indivíduo (LYONS, 1980). Em outras palavras, são sintagmas nominais com os quais é possível fazer referência a um único indivíduo e essa referência é específica. Além do mais, pode ser feita por meio de um sintagma nominal definido, como em (5) ou indefinido (6). Essa possibilidade se justifica pelo fato de que, em

---

<sup>6</sup> No Brasil, há vários estudos que citam o papel coesivo dos nomes gerais, também chamados de nomes genéricos, mas esse tema não será retomado aqui (cf. Koch (2004), Marcuschi e Koch (2006) e Zamponi (2003)).

ambos os casos, seria possível o falante usar um nome próprio em lugar do sintagma. Dessa forma, (5) poderia ser parafraseado por (5a)<sup>7</sup> e (6) por (6a):

(5) **a minina** tinha... tinha um ano quando nós foi... pa Aparicida (CMP)

(5a) (a) **Mariana** tinha... tinha um ano quando nós foi... pa Aparicida

(6) eu tava cum... gostano de **uma menina**... isso foi... semana passada (BHZ)

(6a) eu tava cum... gostano de (da) **Mariana**... isso foi... semana passada

Considerando o critério exposto no parágrafo anterior, ficam excluídos deste trabalho aqueles itens que, embora também possam ser incluídos entre os nomes gerais de traço [+humano], possuem também um traço [+coletivo]. Para esses nomes, o *corpus* registrou as seguintes ocorrências: *galera*, *gente*, *moçada*, *pessoal*, *população*, *povo*, *turma*.

### **O corpus**

O *corpus* deste trabalho está constituído por gravações de língua oral realizadas com 39 informantes adultos em cinco municípios de Minas Gerais: Belo Horizonte, Campanha, Minas Novas, Ouro Preto e Paracatu. O número de informantes de cada localidade varia de cinco a onze, fato que não influencia no resultado deste trabalho, uma vez que não é o objetivo aqui fazer uma análise da variação diatópica.

As localidades cobrem diferentes mesorregiões do estado, como Jequitinhonha (Minas Novas), Metropolitana (Belo Horizonte e Ouro Preto), Noroeste (Paracatu) e Sul (Campanha), o que permite afirmar que se tem aqui uma pequena amostra dos falares do estado, adotando-se a noção de *falar* de Zágari (1998). Não se está afirmando, porém, que exista uma homogeneidade linguística no estado, mas apenas que os dados cobrem pontos diferentes e não se limitam a apenas uma região de Minas Gerais.

Os dados de Belo Horizonte e Ouro Preto pertencem ao banco de dados do projeto *Mineirês* (PROJETO, 2012) e os das outras localidades, organizados por Amaral (2003), fazem parte do projeto *O uso de nomes gerais nos falares mineiros*<sup>8</sup>. Com relação à sua

---

<sup>7</sup> Os nomes próprios das paráfrases deste artigo são fictícios.

<sup>8</sup> Disponível em: <[www.letras.ufmg.br/nomesgerais](http://www.letras.ufmg.br/nomesgerais)>. Acesso em: 15 jun. 2012.

extensão, o *corpus* apresenta um número aproximado de 111.102 palavras, conforme mostra a tabela seguinte:

**Tabela 1** - Extensão do *corpus*

<b>Localidade</b>	<b>Número aproximado de palavras</b>
Belo Horizonte	42635
Campanha	16295
Minas Novas	17857
Ouro Preto	13379
Paracatu	20936
<b>Total</b>	<b>111102</b>

### **Análise**

Os nomes gerais de traço [+humano] encontrados no *corpus* que são usados em sintagmas com referência específica a indivíduos são os que se encontram na primeira coluna da tabela 2. Ao lado, observa-se o número de ocorrências de cada item e, na terceira coluna, a porcentagem dessas realizações. O total de ocorrências foi de 172. Note-se que há um certo equilíbrio entre as formas mais utilizadas, não se registrando nenhum nome com número bem superior aos demais. Essa situação difere da análise dos nomes gerais como um todo, em que se observa um grande predomínio do item *coisa* (AMARAL, 2013).

**Tabela 2** - Nomes gerais com traço [+humano]

<b>Nomes gerais com traço [+humano]</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>%</b>
rapaz	27	15,70
homem	22	12,79
menina	22	12,79

menino	20	11,63
moça/mocinha	19	11,05
pessoa	17	9,88
mulher	13	7,56
senhor	8	4,65
senhora	6	3,49
moço	5	2,91
criança	4	2,33
cara	3	1,74
velho	3	1,74
velha	2	1,16
criatura	1	0,58
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100,00</b>

A seguir, serão discutidas algumas ocorrências de nomes que não foram incluídos na tabela acima. Em seguida, nos deteremos especificamente nas propriedades de tais itens.

### Casos não computados

Ao analisar dados do espanhol, Bajo Pérez (2002, p. 174) inclui itens como *fulano*, *mengano*, *zutano* e *perengano*, usados sem determinante e como sujeito, dentro da classe de antropônimos, como em *Fulanita vino pronto*. Mas quando possuem o significado de ‘indivíduo’, a autora não considera tais itens como nomes próprios. São seus exemplos: *Ha venido un fulano preguntando por ti*; *Los fulanos aquellos eran macarras*.

Embora a autora apresente essa distinção observando a sintaxe desses elementos, no *corpus* deste trabalho, que registrou casos de *fulano* (*de tal*) e *ciclano*, tais itens não são considerados nomes próprios, mas nomes gerais de nomes próprios – que não são o foco deste trabalho. Em todos os exemplos abaixo, é possível substituir os itens destacados por um nome próprio, apesar de não se ter uma referência a uma entidade específica. Assim, em (7) seria possível ter (7a), em (8), (8a) e em (9), (9a):

(7) ah vô trazê meu amigo { } o otro vai trazê **fulano** (BHZ)

(7a) ah vô trazê meu amigo { } o otro vai trazê **Paulo**



(8) aquela música era de **fulano di tal** (BHZ)

(8a) aquela música era de **Paulo**

(9) antigamente... as pessoas aqui era assim... **fulano de ciclano...** (CMP)

(9a) antigamente... as pessoas aqui era assim... **Maria de Paulo**

Para este trabalho, também foram eliminadas as ocorrências em que o sintagma em que contém um nome geral remete ao falante ou ao interlocutor. Isso se deve ao fato de que, como se estão considerando aquelas ocorrências em que se opta por nome geral em lugar de um nome próprio, não se justifica incluir as ocorrências de primeira pessoa, tendo em vista que o falante não usaria seu nome próprio para se referir a si mesmo. Do modo semelhante, o falante do português brasileiro não usaria o nome do interlocutor no lugar no pronome de segunda pessoa. Em (10a), não é possível o uso do antropônimo do falante – observe-se, além disso, que (10) apresenta *pessoa* em um uso predicativo, não referencial. Considerando (11) e (11a), também não seria possível o uso do antropônimo do interlocutor:

(10) sô uma **pessoa** muito agitada (OPR)

(10a) \* sô **Mariana** muito agitada

(11) cê<sub>i</sub> desculpa a mal... palavra que eu fiz com o **sinhô**<sub>i</sub> viu?... (MNV)

(11a) \*cê<sub>i</sub> desculpa a mal... palavra que eu fiz com **Paulo**<sub>i</sub> viu? [Paulo = ouvinte]

Tal como (11), no exemplo abaixo, o SN destacado remete ao entrevistador e, apesar de conter o nome *moço*, foi excluído, pois neste trabalho não estão sendo computados casos de vocativo (outro uso também não referencial), apesar de esta função poder ocorrer com nome próprio, como mostra (12a).

(12) ô **moço**... dos mais veio que tem aqui nos meio... (MNV)

(12a) ô **Paulo**... dos mais veio que tem aqui nos meio...

Foram eliminadas da análise ainda as ocorrências de *senhor* como título, seja nas formas reduzidas *sô* (13) ou *seu* (14):

(13) foi o **Sô Zeca** que fez... (MNV)

(14) o pai dele é **seu Itamar** (PRC)

Por fim, também deixaram de ser computados os casos em que se têm adjetivos. Como se vê, o item *velho* de (15) e o item *jovem* de (16) são adjetivos.

(15) sô um dos mais **velho** tenho cinquenta e quatro ano de Irmão do Rusário.. (MNV)

(16) com esse rapaz aí o Muacir... Josef... também... era ãa turma assim... pessoal bem **jovem** né?... (MNV)

Na próxima seção, são discutidas as ocorrências computadas e que constam na tabela 2. Inicialmente, verifica-se que tais nomes possuem uma distinção no que se refere ao gênero do referente, fator que será considerado.

### **Nomes gerais sem marcação de gênero do referente**

Entre os nomes gerais que não marcam o gênero do referente, masculino ou feminino, o corpus apresenta *criança*, *criatura* e *pessoa*. Com respeito ao primeiro, as quatro únicas ocorrências registradas são usadas apenas por uma única informante de Belo Horizonte para se referir a sua sobrinha, como em (17), o que inviabiliza uma análise aprofundada. Com respeito ao segundo nome, há uma única ocorrência, apresentada em (18), em que o SN se refere à filha da informante:

(17) **a criança** tamém foi si apegano a mim (BHZ)

(18) na hora que eu soube que tava grávida eu realmente assim... me senti uma outra pessoa... me senti diferente... achei que Deus foi me me me deu de presente essa **criatura** (BHZ)

No caso de *pessoa*, inicialmente, poder-se-ia pensar em uma maior recorrência desse item para referência a indivíduos – o que iria ao encontro de AMARAL (2013), que caracteriza esse item como protótipo para aqueles nomes que são usados para se referir a entidades humanas. São exemplos:

(19) ma[s] rino tanto que a **pessoa** tinha os dente tão clarinho... (PRC)

(20) nunca tinha trabalhado e fui trabalhá até com uma **pessoa** da minha família (BHZ)

(21) um que foi inforcado... mais ele não conseguiu... morrê... porque esse do/intão que a **pessoa** encarregada teve que trepá no ombro dele... pra forçá... sabe (CMP)

No entanto, se comparamos esse resultado com a totalidade dos nomes gerais de *pessoa*, incluindo aqueles que contêm algum traço de gênero do referente, o item *pessoa* não mantém sua liderança. Isso se explica pelo fato de que, nos dados deste trabalho, foram excluídos os casos em que o sintagma com *pessoa* se refere a indivíduos não específicos, tal como (22), (23) e (24).

(22) “a **pessoa** vai ficano mais velha de idade num güenta trabalhá tanto né?” (CMP)

(23) não ma[s] se ocê chegá naquela rua que der com aquea rua dotor Agustim qualquer **pessoa** que ocê perguntá te informa (MNV)

(24) que se... por um acaso um dia acontecê de cloná ãa **pessoa** é... ninguém vai sabê como ê vai reagi... (MNV)

Esse resultado mostra que os informantes, ao escolherem um nome geral de traço [+humano] e referente não específico, preferem o item *pessoa*. Porém, se optam por fazer uma referência específica, fazem escolhas que variam em função do gênero e da idade, tal como se detalhará mais adiante.

### **Nomes gerais com marcação de gênero**

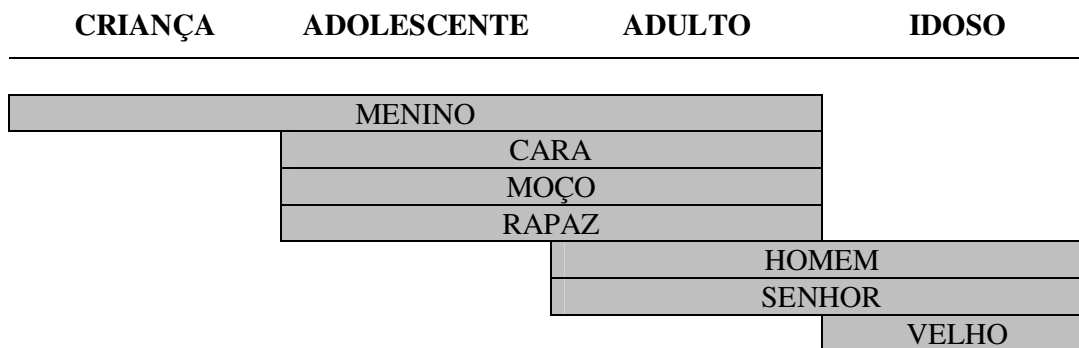
Como é possível perceber pela Tabela 2 acima, excetuando-se *criança*, *criatura* e *pessoa*, todos os demais são marcados ou com o traço [+masculino] ou [+feminino]. Agrupando os dados com relação a esses traços, obtém-se o seguinte quadro:

**Quadro 1** - Nomes gerais agrupados por traços [+masculino] e [+feminino]

[+humano]		[+humano]
[+masculino]		[+feminino]

cara	
homem	menina
menino	moça/mocinha
moço	senhora
rapaz	velha
senhor	
velho	

A partir desses resultados, pode-se perguntar: Entre os nomes gerais [+humano] [+masculino] e entre aqueles que são [+humano] [+feminino], há como afirmar qual ou quais seriam mais recorrentes que outros? Como esses itens têm traços relacionados à idade, podem-se verificar quais nomes são usados mais frequentemente para um grupo etário mais heterogêneo. Embora não seja possível ter acesso à idade exata dos referentes pelo contexto de cada entrevista, pode-se inferir pelo menos em qual fase da vida a pessoa referida se encontra. Com base nisso, verificando-se as diferentes possibilidades de cada item conforme as fases: criança; adolescente; adulto/a; idoso/a, obtém-se o resultado que pode ser visto nas figuras 1 e 2 abaixo.



**Figura 1-** Uso dos itens [+humano] [+masculino] conforme as fases da vida do referente

No corpus, *rapaz*, *senhor* e *menino* lideram o subconjunto dos nomes gerais preferidos para referência a pessoas do sexo masculino. Porém, observando-se a abrangência de uso, verifica-se que *menino* é o mais geral, uma vez que é usado para indivíduos das faixas etárias de crianças (26), adolescentes (27) e adultos (27):

(25) quand[o] eas chegô lá no quarto o **minino** já tinha nascido (MNV)

(26) *INFORMANTE*: o meu **minino** mais velho... o F... ele ti/ele andô com bronquite... (...)

*PESQUISADOR 2*: ele tá com quantos anos?

*INFORMANTE*: treze anos... (PRC)

(27) tia da da... da tia do do daquele **minino** que que... que ia casá e num caso (MNV)

Com relação à faixa etária dos falantes que utilizam o item *menino*, poder-se-ia questionar se informantes de diferentes faixas etárias utilizariam esse item e se haveria um predomínio por uma ou outra faixa etária. Infelizmente, o *corpus* não possui dados de crianças e adolescentes menores, mas apenas de pessoas a partir de 18 anos. Mas, considerando os dados disponíveis, verifica-se que *menino* é realizado por informantes de distintas idades. Em (28), encontra-se um exemplo produzido por informante com 30 anos; em (29), por um de 58 e em (30), por informante de 80 anos. Tais exemplos corroboram a produtividade do uso desse item como nome geral para pessoas do sexo masculino.

(28) eu ponho a televisão bem alta... quand[o] o **minino** deixa num faz algazarra... aí eu mais ouço do que vejo né? (AMARAL, p. 221)

(29) mais ela divia tá sabeno des[de] do início que aquele **minino** num é o... o que ela quiria... o rapaz num tinha nada a ver (AMARAL, p. 194)

(30) um **menino** entrou e eles por fora esperando que o **menino** saísse pra ele também entrar... porque era um a um... o **menino** nunca mais saía o **menino** nunca mais que saía... eles esperando... até que foi indo a mina abateu (OPR)

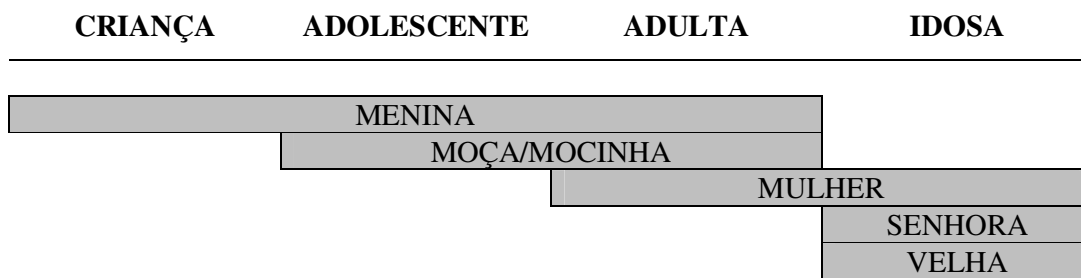
Por outro lado, *velho* demonstrou ser o menos abrangente, já que, além do número baixo de ocorrências, só possibilita uma referência a idosos, como em (31):

(31) nem quando o **velho** fez cem anos eu não vi ele arranjà uma desculpa (PRC)

Com respeito à variação entre *cara*, *moço* e *rapaz*, e a relação com os informantes que utilizam tais itens, tinha-se uma hipótese de que o primeiro desses nomes gerais fosse apresentar uma frequência maior entre os falantes mais jovens. Entretanto, como o número de ocorrências de *cara* é baixo (apenas 3) e inclusive sendo todas realizadas por falantes acima de

50 anos, não foi possível testar essa hipótese. No caso de *moço*, também são poucos os dados (5 no total), mas encontram-se ocorrências tanto em falantes mais jovens (até 30 anos) quanto em falantes mais velhos (acima de 50 anos). Já no caso de *rapaz*, das 27 ocorrências, dezoito, ou seja, mais de 66%, ocorrem na fala de informantes com mais de 50 anos. Como os dados de cada localidade não são regulares quanto à faixa etária, não é possível fazer nenhuma afirmação conclusiva com esses números, mas apenas supor que o item *rapaz* seja usado preferencialmente por falantes mais velhos. Para confirmar essa hipótese, seria necessária uma ampliação dos dados com uma análise específica de tais itens.

A figura seguinte apresenta a análise para os itens com traços [+humano] [+feminino].



**Figura 2** – Uso dos itens [+humano] [+feminino] conforme as fases da vida do referente

Considerando os nomes com traços [+humano] [+feminino], observa-se, pela figura (2), que *menina* tem um uso mais abrangente para a referência a pessoas do sexo feminino, podendo-se referir a criança (32), adolescente (33) ou adulta (33). Em (34), inclusive, o informante corrige o uso do nome *mulher* para *menina*:

(32) a **minina** mais velha... que era a C... tava com dois ano... (PRC)

(33) meus primeros é:: namoro... não muito duradouro... um mês... durava um mês... durava dois mês terminava... tinha uma **minina** que quando dava [vonta] de dá uns beijim nela eu chamava ela (BHZ)

(34) aquela mulhé... aquela **minina** que que faz o papel lá de de de... tia da da... da tia do do daquele minino (MNV)

Com respeito às ocorrências de *senhora*, todas foram usadas para a referência a pessoas idosas, conforme se vê em (35). Esse fato mostra uma diferença com relação ao uso de *senhor*, que foi empregado tanto para homens adultos quanto para idosos. Isso se deve possivelmente a certo traço pejorativo associado à forma feminina, o que levaria o informante a evitá-la para fazer referência a mulheres não idosas.

(35) eu fui morá com uma **senhora** que tava pricisano de uma companhia que ela tinha uma filho só e esse (BHZ)

Vale destacar, por outro lado, que a forma *senhora*, na acepção de ‘esposa’, foi verificada no *corpus*, como no exemplo (36), que pode ser parafraseado por (36a). Essa acepção, porém, não foi observada com a forma masculina correspondente.

(36) essa casa memo aqui da minha **senhora** tem mais de duzentos ano (MNV)

(36a) essa casa memo aqui da minha **esposa** tem mais de duzentos ano

Comparando-se ainda os dados das figuras 1 e 2, verifica-se uma semelhança entre a recorrência dos itens *menino / menina*, embora se ateste uma variação menor de itens [+feminino], ou seja, há mais formas para a referência específica masculina que para a feminina. Em outras palavras, se os informantes, ao se referirem a indivíduos do conjunto de adolescentes e adultos do sexo masculino, empregam *cara*, *moço* ou *rapaz*, utilizam apenas *moça* (e sua forma variante *mocinha*) para a referência a pessoas do conjunto de adolescentes e adultos do sexo feminino. Como é possível observar pela tabela 1, nem a forma *adolescente* é empregada para esse tipo de referência.

Certamente, para verificar a relevância quantitativa de cada item, seria necessária uma análise estatística que levasse em conta o peso de cada nome geral no *corpus*. Essa análise, porém, não será desenvolvida neste trabalho. Apesar disso, o resultado encontrado não deixa de apresentar tendências importantes para o conhecimento do comportamento dos nomes gerais no português falado em Minas Gerais.

## Conclusões

Conforme visto no início deste trabalho, os falantes podem fazer referência a um indivíduo por meio do que os filósofos já chamavam, no século XIX, de *termos singulares* (MILL, 1984). Entre esses, incluem-se os nomes próprios, classificados, por alguns autores da filosofia da linguagem, como *designadores rígidos* (KRIPKE, 1982). No entanto, quando não utilizam um nome próprio, seja porque não o conhecem, não querem revelar seu nome ou por outro motivo, fazem uso, além de outras possibilidades, de sintagmas nominais que contêm nomes gerais, termo que vem sendo utilizado por linguistas desde o trabalho de Halliday e Hasan (1995 [1976]).

Nesse sentido, respondendo à primeira questão proposta anteriormente (ou seja, quando não utilizam um nome próprio ou um pronome, quais são os nomes gerais que os falantes mineiros entrevistados empregam para a referência específica a outras pessoas?), verificou-se que as formas utilizadas no *corpus* para esse tipo de referência são: *cara; criança; criatura; homem; menina; menino; moça; mocinha; moço; mulher; pessoa; rapaz; senhor; senhora; velha; velho*.

Se, por um lado, esses nomes, por apresentar o traço [+humano], se alinham com os estudos sobre os nomes gerais citados no início deste trabalho (Mahlberg (2005), Mihatsch (2002; 2006a), Oliveira (2006) e Pelo (1986)), por outro, pode-se afirmar que ampliam o repertório dos possíveis nomes gerais de traço [+humano] e revelam uma relativa variedade de nomes usados para a referência a pessoas entre os falantes do estado.

Com respeito à questão sobre os traços de sentido que apresentam, a análise dos dados revelou que há uma tendência de os falantes optarem pelos itens que marcam o gênero do indivíduo referido. Mas também foi observada uma variação relativa à distinção da fase da vida em que se encontra a pessoa mencionada.

No que tange à recorrência dos nomes investigados, verificou-se que, quando a referência é feita a pessoas do sexo masculino, o item *menino* possui uma amplitude de uso maior, já que engloba um conjunto de referentes masculinos com diferentes idades, desde crianças a adultos. O mesmo se aplica ao item *menina*, para o caso de pessoas do sexo feminino. Uma comparação entre os itens *senhor* e *senhora* mostrou que o primeiro se aplica a homens adultos e idosos e o segundo somente a mulheres idosas. Outro resultado encontrado refere-se à maior variedade de itens para a referência a pessoas do sexo masculino que para pessoas do sexo feminino.



No caso de itens que não marcam a distinção de gênero (*pessoa, criança e criatura*), a frequência é baixa, o que foi verificado inclusive para *pessoa*, que, numa análise global, ou seja, sem as restrições aplicadas neste trabalho, apresenta-se como o nome geral mais comum para referência a seres humanos.

Embora em alguns momentos tenhamos tratado da relação entre o uso de cada nome geral e as distintas faixas etárias do informante que o emprega, esse não foi o foco deste trabalho. Acredita-se que uma comparação como essa possibilitaria uma continuidade interessante para verificar não somente essa relação, mas também outras, como, por exemplo, o sexo do informante que utiliza cada nome geral. Além do mais, caberia investigar também as formas usadas por crianças e adolescentes. Como o *corpus* utilizado contém gravações apenas de adultos, não é possível fazer nenhuma afirmação sobre a fala de menores.

Como foi possível observar, o *corpus* não registrou alguns itens que os dicionários costumam apresentar como sendo formas variantes ou sinônimas para a referência a pessoas: *dona; guri; madame; pequeno; sujeito, indivíduo* etc. Esse fato nos permite concluir ainda que esses últimos itens não estão entre os preferidos pelos falantes de Minas Gerais para a referência específica a seres humanos.

## Referências

AMARAL, E. T. R. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

\_\_\_\_\_. *Nomes próprios: análise de antropônimos do espanhol escrito*. Tese (Doutorado em Letras – Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Os nomes gerais em três localidades mineiras: Campanha, Minas Novas e Paracatu. *Todas as Letras*, v. 15, n. 1, p. 138-151, 2013.

BAJO PÉREZ, E. *La caracterización morfosintáctica del nombre propio*. Noia (A Coruña): Toxoutos, 2002.

FERNÁNDEZ LEBORANS, M. J. El nombre propio. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (dir.). In: *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 77-128.

FERNÁNDEZ MORENO, L. *La referencia de los nombres propios*. Madrid: Trotta, 2006.

GARCÍA SUÁREZ, A. *Modos de significar: una introducción temática a la filosofía del lenguaje*. Madrid: Tecnos, 1997.

GARY-PRIEUR, M-N. *Grammaire du nom propre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Hong Kong: Longman, 1995 [1976].

JONASSON, K. *Le nom propre: constructions et interprétations*. Lourain-la-Neuve: Duculot, 1994.

KOCH, I. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

KRIPKE, S. *La logique des noms propres*. Tradução de Pierre Jacob; François Recanati. Paris: Les éditions de Minuit, 1982.

LEROY, S. *Le nom propre en français*. Paris: Ophrys, 2004.

LYONS, J. *Semântica-I*. Porto: Presença, 1980.

MAHLBERG, M. *English general nouns: a corpus theoretical approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1: construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 381-399.

MIHATSCH, W. De plantas, animales y (otros) objetos: lexemas cultos genéricos entre léxico y gramática. In: VEIGA, A.; PEREIRA, M. G.; GÓMEZ, M. S. (eds.): *Léxico y gramática*. Lugo: Tris Tram (Linguas e lingüística; 3), 2002. p. 237-248.

MIHATSCH, W. *Kognitive Grundlagen lexikalischer Hierarchien: untersucht am Beispiel des Französischen und Spanischen*. Tübingen: Max Niemeyer, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Machin, truc, chose: la naissance de marqueurs pragmatiques*. In: Drescher, Martina; Job, Barbara (Hrsg.): *Les marqueurs discursifs dans les langues romanes: Approches théoriques et méthodologiques*. Frankfurt am Main: Lang, 2006b, p. 153-172.

MILL, J. S. Sistema de lógica dedutiva e indutiva e outros textos. In: BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984 [1843]. (Coleção *Os pensadores*, v. 34.)

OLIVEIRA, C. M. G. M. de. *O substantivo-suporte: critérios operacionais de caracterização*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=61768](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=61768)>. Acesso em 17 abr. 2012.

PELO, A. I "nomi generali" nella lingua dei giornali italiani. In: LICHEM, K.; MARA, E.; KNALLER, S. (ed.). *Parallela 2: aspetti della sintassi dell'italiano contemporaneo*, Atti del 3° incontro italo-austriaco di linguisti a Graz (28-31 maggio 1984), Gunter Narr, Tübingen, 1986, pp.205-214.

PÉREZ OTERO, M. *Esbozo de la filosofía de Kripke*. Barcelona: Montesinos, 2006.

PROJETO Mineirês: a construção de um dialeto. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>>. Acesso em 15 jun. 2012.

VAN LANGENDONCK, W. *Theory and typology of proper names*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de A. (org.) *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.

ZAMPONI, G. *Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.